

# OS ENSINAMENTOS DA GUERRA DA CORÉIA

Segundo o escritor militar francês CAMILLE ROUGERON

Do boletim "Pages de France"  
Tradução do Major LUIZ FELIPPE SILVA WIEDEMANN, da Revista Espanhola "Ejército"



escritor militar francês Camille Rougeron, que já em 1939, publicou um livro profético "Les enseignements aériens de la guerre d'Espagne, acaba de publicar, por estes dias, uma obra muito substanciosa: "Les enseignements de la guerre de Corée". Pode-se pensar que seja prematuro escrever a história de uma guerra que não terminou e que reserva talvez, muitas surpresas. No entanto, no momento em que as nações ocidentais estão comprometidas num imenso esforço de rearmamento, é indispensável tratar, à luz destas recentes operações, de fixar certos pontos de doutrina e de deduzir, imediatamente, algumas lições essenciais.

Para Camille Rougeron, o que se torna necessário assinalar antes de tudo, é a proeminência da infantaria. "A primazia da infantaria, sobre todas as outras armas, firmou-se, diz, através toda a campanha da Coréia". O mundo norte-americano teve razão em recorrer, talvez pela primeira vez na história militar norte-americana, ao emprêso dos "grandes Batalhões" como já havia preconizado Napoleão. Qualquer que tenha sido a importância das armas e dos materiais utilizados, a vitória foi constantemente, durante as operações do primeiro ano de guerra, do lado que soube assegurar-se da superioridade numérica. São as variações de efeitos que explicam o fluxo e o re-

fluxo renovados, dos Exércitos comunistas e aliados. A máquina blindada parece ser uma das últimas deste fracasso material. Sua impotência, ficou consagrada, de ambos os lados dos adversários.

O carro efetivamente tem, na atualidade, muito mais que durante o último conflito mundial, dois inimigos mortais: a aviação tática, que aumentou de maneira esmagadora o volume e a precisão do seu fogo e o material anti-carro da Infantaria, particularmente a "bazooka" dotada de projéteis com carga ôca. "A carga ôca — afirma Rougeron — é a arma contra carro por excelência, que matou a arma blindada". Esta não poderá mais sobreviver, senão se tornar rápida, invulnerável, invisível no campo de batalha e se renunciar aos mastodontes que atraem o tiro, adotando-se, em troca, as pequenas máquinas individuais de 500 ou 1.000 kg. A condenação é severa e despertará, indubitavelmente, muitos protestos. Mas, há outra arma que o autor condena ainda com mais energia, e esta é a Artilharia. "Diante das armas dispostas a suceder-lhe, a Artilharia acaba de demonstrar, simultaneamente, quanto é vulnerável, inútil e nociva. É vulnerável ao fogo da aviação adversa. Converteu-se em inútil, porque foi substituída, atualmente, pela Infantaria, que dispõe de lança foguetes e morteiros pesados, e pela aviação tática, que é, na realidade, uma verdadeira artilharia volante. Enfim, é nociva

porque contribui para tornar mais pesadas as colunas e porque faz com que as Unidades modernas percam a indispensável mobilidade. Sua salvação repousa na sua transformação em artilharia de acompanhamento, reduzindo sua potência e seu peso para aumentar sua mobilidade e sua flexibilidade (\*).

No que se refere às forças aéreas, as operações na Coréia também podem proporcionar, ao observador atento, matéria para lições bem úteis. No domínio da aviação de caça de interceptação, os aparelhos de reação converteram-se nos donos do céu. Os aviões providos de hélices devem desaparecer diante deles. Ao mesmo tempo ocorre, o parecer de que os aparelhos à reação, de características semelhantes, tornam-se impotentes para lutar entre si. São tão rápidos, na atualidade, que o combate aéreo é quase impossível. Isto ficou demonstrado nos numerosos encontros entre as nuvens de Sabros e Mings, onde se enfrentavam sem grande dano. Como se comportam os caças a jato em frente aos bombardeiros pesados providos também de tubos reativos? Terão sobre eles alguma superioridade? Se a caça de interceptação demonstra ser incapaz de deter as vagas de bombardeiros inimigos, não terá que ser eliminada da relação das armas aéreas defensivas? Qual será, nestas condições, a sorte da Europa, aberta aos assaltos dos bombardeiros adversos?

Quanto à aviação tática podemos dizer que deu inapreciáveis serviços nos primeiros meses de operações na Coréia. Indiscutivelmente salvou as forças terrestres norte-americanas e sul-coreanas, detendo os carros comunistas e dificultando a marcha da infantaria inimiga. Mas, pouco a pouco, as sino-coreanos souberam adaptar sua tática à ameaça, em massa, na Coréia. Souberam diluir suas formações; evitaram os movimentos

diurnos; não atacaram senão à noite; deixaram à retaguarda os elementos pesados e armamentos prejudiciais; souberam se utilizar, com mão de mestre, de todos os elementos de camuflagem, e o mesmo fizeram com as fortificações de campanha. Pouco a pouco, o campo de batalha ficou vazio. Os efeitos destruidores das forças aéreas táticas aliadas diminuíram e ficaram reduzidos ao mínimo. Havia-se conseguido um certo ponto de "saturação".

No duelo singular entre o combatente terrestre e seu adversário aéreo parece que a Infantaria ganhou a partida, porque achou a tática conveniente.

Resta à aviação estratégica, destinada às ações longínquas na retaguarda inimiga. É a única — afirma Camille Rougeron — que deu na Coréia os resultados que se esperava. Realmente, não ganhou a guerra, como profetizavam seus partidários absolutos. Mas fazendo prática da tática de "terra arrasada", organizando metódicamente a destruição de locais habitados, dos meios de comunicação, dos estabelecimentos industriais e dos recursos agrícolas, o comando norte-americano obrigou as forças sino-coreanas a deixar de viver no país. E, ainda mais, obrigou o Comando inimigo a fazer vir o material e abastecimento da Manchúria e a prover, por si mesmo, o abastecimento da população civil. A aviação estratégica contribuiu, pois, enormemente para reduzir em extraordinárias proporções as possibilidades e os meios de luta dos exércitos comunistas.

Por isto, o Comando das Nações Unidas não renunciou, inclusive durante as negociações de armistício, ao emprêgo maciço dos bombardeiros. Conta com êste, atualmente, para conseguir vencer a vontade dos representantes sino-coreanos e obter assim que cesse o fogo.

(\*) Estas afirmativas parecem pouco razoáveis e meditadas. Aconselhamos ao leitor o artigo do Tenente-Coronel alemão Karl de Bouche, referente à Artilharia, que publicamos neste mesmo número e nesta secção (Ejército).

# GUERRA DE MOVIMENTO OU GUERRA DEFENSIVA ?

Tenente-Coronel F.O. MIKSCHÉ  
(Professor do Instituto de Altos Estudos Militares de Caxias, Portugal)

Traduzido (data vênia) da Revue de Défense Nationale, de agosto-setembro de 1953, pelo Major FERNANDO ALLAH MOREIRA BARBOSA

Poucas coisas são mais difíceis que uma análise exata das lições de uma guerra. Uma batalha nunca se parece com outra ; cada combate se trava dentro de condições próprias e exatamente particulares. Os fatores materiais, geográficos e morais não sendo, nunca, iguais, não pode haver um modelo tático constante. Em 1940, os alemães possuíam não só superioridade material, mas, também, superioridade moral. Quatro anos mais tarde, na Normandia, eles tiveram que se bater sem apóio aéreo e já não acreditavam na vitória final. As condições estratégicas, na Rússia, diferiam, completamente, das condições da Europa ocidental. A tática que poderia dar bom resultado, aí, não seria, necessariamente, de sucesso garantido, em outro teatro de operações. Do mesmo modo, a Guerra da Coréia tem suas características próprias. Somente as batalhas onde os adversários em presença estivessem em igualdade física, material e moral permitiriam que tirassem conclusões definitivas.

\* \*

O processo técnico criou novas armas que, naturalmente, conduzem a novas formas de combate. De acôrdo com o material de que dispõe — armas, meios de transporte, comunicações — cada época emprega uma forma particular de manobra tática. As relações recíprocas, que existem, entre a po-

tência de fogo e a capacidade de movimento, exercem influência decisiva sôbre a evolução dos processos táticos, isto é, sôbre as influências mútuas do ataque e da defesa.

Antes da invenção dos veículos de combate blindados, a progressão das armas de fogo constituía o fator dominante. Quando na defensiva, elas tornavam o movimento, praticamente, impossível, o que levou a uma gradual estabilização das frentes e à guerra de trincheira. Para neutralizar a potência de fogo da defesa, o ataque teve que fazer avançar grandes massas de artilharia. "A artilharia conquista o terreno e a infantaria não faz mais que ocupá-lo", segundo a frase que se atribui ao Marechal Pétain. Disso resultou a batalha de desgaste (1915-1918), sôbre frentes extensas, onde se disputava, ferozmente, estreitas faixas de terreno. O campo de batalha foi, então, compartimentado em setores e em objetivos (0-1, 0-2, 0-3, etc...), no interior dos quais as unidades interessadas — divisões, regimentos ou batalhões — eram movimentadas como as peças de um jôgo de xadrez, de um quadrado para outro. As características do material em uso obrigavam o ataque a se processar, principalmente, de frente, em vastos setores e, dêsse modo, raramente, era possível fazer mais que "arranhar" as posições inimigas. As reservas adversárias, lançadas ao combate, não encontravam maiores dificul-

dades para restabelecer a situação. Raramente, havia perseguição e, nunca, um resultado decisivo. Em consequência disso, o general Ludendorff, cujas tropas se batiam contra as de Pétain, em Verdun, pôde dizer: "Minha estratégia foi vencida pela tática".

As principais causas dessa situação eram:

1º) A lentidão dos meios de transporte então utilizados nas ligações entre a retaguarda e a zona de combate (ferrovias e viaturas hipomóveis), que não permitiam a concentração rápida da superioridade de meios necessária a uma ofensiva. A preparação de um ataque, que durava, às vezes, semanas, não podia escapar à observação da defesa. Daí, a ausência da surpresa.

2º) A necessidade, para aproveitar, completamente, o alcance da artilharia de apoio, de levá-la o mais à frente possível, uma vez que as características deficientes dos meios de transporte impediam a organização, em profundidade, do sistema de remuncimento. Essas duas razões contribuíam para a dispersão, em largura, das forças a empregar.

3º) A obrigatoriedade, uma vez conquistada a primeira faixa de terreno, de fazer avançar, pelo menos, uma parte da artilharia. Essa manobra exigia que o terreno conquistado fôsse limpo pelas reservas, para livrá-lo de tôdas as resistências inimigas remanescentes. Tudo isso fêz com que os ataques em grandes frentes se tornassem normais, pois os ataques em frentes estreitas sempre se viam ameaçados nos flancos.

4º) A insuficiência dos meios de comunicação tinha, por si só, uma influência que não se pode menosprezar. O fio telefônico, que ligava as forças do atacante, a um ponto central, não permitia coordenar o ataque das diversas unidades, o que fazia necessário baixar ordens minuciosas, com bastante antecedência. E, no decorrer da batalha, era difícil modificar as

decisões já tomadas, sem contar que com, os meios de transporte primitivos, então disponíveis, seria muito complicado e muito lento modificar, o que quer que fôsse, no eixo de progressão do ataque.

Para se opôr a êsses métodos de ataque, a defesa se organizou em profundidade, sôbre faixas sucessivas do terreno, chamadas "zonas", diante da quais a progressão inimiga se vinha dissociar. Chamamos a atenção para o fato de que, durante a guerra de 1914 a 1918, os exércitos em presença estavam, mais ou menos, em pé de igualdade material e moral.

\* \*

A evolução da tática, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, pode ser dividida em duas fases. Inicialmente, o período da "Blitzkrieg" e, em seguida, o da resposta à "Blitzkrieg".

Na primeira fase, os alemães, inspirados pelas idéias de dois ingleses, o capitão Liddel Hart e o general Fuller, puzeram em ação um sistema tático coerente, que explorava, integralmente, as possibilidades da perfeita combinação do material moderno — veículos de combate blindados e transportes motorizados. Em virtude do perfeito apoio aéreo, os carros de combate se mostraram inteiramente, em condições de romper, facilmente, aquilo que, na Primeira Guerra Mundial, teria constituído linhas impenetráveis.

Os fatores que condicionam essa tática são:

1º) A motorização geral dos exércitos e a organização das divisões blindadas, que permitiam a concentração rápida das forças nos setores da frente onde se procurava obter a decisão. As unidades que haviam sido trazidas de bases distantes passavam, por assim dizer, sem transição, da marcha de aproximação ao ataque. As divisões encarregadas da ruptura e da perseguição apareciam, sucessivamente, no campo de batalha, no momento em que se reputava conveniente sua intervenção. E essa aparição

súbita, na frente das posições inimigas, com o que ela comportava de surpresa, não podia deixar de acrescentar novos fatores de sucesso ao ataque.

2º) A diminuição das frentes de ataque. Em um setor de 24 a 25 quilômetros, em média, as posições inimigas eram atacadas, geralmente, em dois pontos chamados "centros de potência" ("Schwerpunkte") de, mais ou menos, 5 a 8 quilômetros de largura, enquanto o espaço intermediário era submetido a forte pressão frontal. Em lugar de abranger vastas frentes, a superioridade era puramente local, nos "Schwerpunkte", e a defesa local, surpreendida e submergida pelo número, era reduzida à impotência.

A criação sistemática dessa superioridade local esmagadora, durante a ofensiva, era condição preponderante do sucesso. Agora, já não se empregavam as reservas contra os setores onde a progressão se havia atrasado, mas nos locais onde o ataque progredira mais rapidamente, de modo a acompanhar a linha de menor resistência.

3º) Uma preparação de artilharia de curta duração e, às vezes, mesmo a ausência completa de preparação. O ataque era, simplesmente, lançado com os blindados na testa, apoiados pela aviação e acompanhados por um pouco de infantaria. Esquadrilhas de bombardeiros em mergulho neutralizavam as posições de bateria do inimigo e as organizações defensivas que se opunham à progressão. E, coisa ainda mais importante, a aviação impedia as reservas da defesa de acorrerem ao setor ameaçado. Com o campo de batalha isolado, dessa maneira, do alto, era possível, ao atacante, manter a superioridade local assegurada pela inopinada concentração inicial de suas forças terrestres. As forças aéreas protegiam os flancos da estreita brecha obtida.

4º) As comunicações sem fio, que facilitavam a cooperação entre os grupos, que combatiam, isoladamente. A continuidade das fren-

tes sendo, agora, desnecessária, podia-se adotar a prática de deixar, para trás, algumas resistências. Graças à motorização e ao TSF, era, relativamente, fácil trocar, no decorrer do combate, o eixo da manobra e conduzir as operações, por meio de ordens sucessivas. A luta terrestre fazia grandes estragos, simultaneamente, em largura e em profundidade, na superfície, enquanto a aviação dava uma terceira dimensão à batalha: a altura.

Foi a essa tática que os alemães deveram seus êxitos na primeira metade da guerra. Em lugar de combater durante dias, para conquistar uma faixa limitada de terreno, seus carros penetravam em cunha, nas zonas sucessivas de resistência, no espaço de algumas horas. As reservas acionadas pela defesa não podiam, na maior parte das vezes, chegar antes da ruptura e, em qualquer caso, somente depois de fortemente hostilizadas do ar. A doutrina tática aliada, que se baseava em uma velocidade de 4 a 5 quilômetros por hora, velocidade do pedestre, não podia se aplicar a situações que evoluíam cinco vezes mais rápido. A ruptura de Sedan teve por resultado o cerco dos exércitos aliados, premidos contra um obstáculo natural: o litoral da Mancha. Nas batalhas que se seguiram, na Rússia, os alemães, criaram, por vezes, dois "centros de potência estratégicos", distanciados de 225 a 250 quilômetros, entre os quais os carros de combate penetravam como cunhas, envolvendo exércitos russos inteiros, como se fossem gigantescas tenazes. As batalhas de envolvimento de Briansk e de Vyasma, bem como muitas outras, caracterizaram esse período. Na França, os carros de combate operaram em divisões; na Rússia, operaram em corpos de exército e, mais tarde, em exércitos inteiros.

Na segunda fase, a defesa, após longas experiências, conseguiu pôr em uso novas armas e criar uma nova doutrina. As batalhas de El Alamein e de Stalingrado não marcaram unicamente, uma reviravolta na sorte das armas, mas, também,

uma revolução no domínio dos processos táticos.

As contra-medidas tomadas contra a "blitzkrieg" foram de duas espécies :

1º) No campo técnico, as tropas foram dotadas de possante armamento anti-carro, como as "bazukas" e as minas. Isso fez com que parecesse que, na luta constante entre a couraça e o projétil, éste último tinha, mais uma vez, tomado a dianteira.

2º) No domínio da tática, estabeleceu-se a descentralização da defesa. Organizada em "ouriços", sua missão não era mais deter o inimigo, frontalmente, mas canalizá-lo por entre as ilhotas de resistência, de modo a facilitar os contra-ataques. Voltou-se a preferir as contra-encostas, a fim de proteger as tropas da defesa contra a artilharia. Os "ouriços" deviam forçar o inimigo a atacar sob a ameaça de fogos de flanco, enquanto os contra-ataques deteriam a destruiriam os elementos que se houvessem infiltrado na posição. Esse novo modelo de defesa tinha por base, como é claro, o movimento.

Não se chegou a verificar até que ponto essas contra-medidas técnicas e táticas teriam conseguido diminuir a potência dos ataques da "Blitzkrieg". Os exércitos em presença, seja na primeira, seja na segunda metade da última guerra, não estavam em um mesmo nível físico e moral. Os alemães, aos quais não se pode negar a maestria com que levaram a cabo os ataques de antes de 1942, tiveram menos sucesso na defensiva, circunstância explicável, em grande parte, pela fraqueza em efetivos e material necessários à contra-ofensiva. Do mesmo passo, tal como acontecera aos aliados, em 1940, eles sofreram uma crise doutrinária, cuja solução lhes escapou, até o fim da guerra. Tanto de um lado como de outro, o emprêgo maciço de divisões blindadas, em batalhas de ruptura, tendeu a diminuir. Cada vez mais frequentemente, os batalhões de carros de combate fo-

ram colocados em apóio da infantaria. Da parte dos aliados, as grandes preparações de artilharia voltaram a preceder os ataques das divisões de infantaria, enquanto as divisões blindadas tinham a missão de realizar a perseguição, profundamente, após a ruptura inicial, fenômeno tanto mais notável quanto os aliados possuíam, então, superioridade aérea absoluta. Os alemães, por sua vez, estavam, praticamente, sem apóio aéreo, desde 1943 e, em consequência da absurda estratégia de Hitler, não dispunham, no leste, de nenhuma reserva estratégica que lhes permitisse combinar uma defensiva estática com uma contra-ofensiva ; a partir de 1943, eles haviam perdido a superioridade aérea, mesmo no leste. Que teria acontecido na Rússia, então, se o Grande Estado-Maior alemão tivesse tido a possibilidade de lançar uma nova contra-ofensiva, com efetivos no valor de 30 divisões apoiadas por 2.000 aviões ?

Quando do desembarque da Normandia, no dia 6 de junho de 1944, a reação aérea alemã não passou de 70 saídas contra 10.585 aliadas. Qual teria sido a situação se a Luftwaffe de Goering, nesse dia e durante as semanas que se seguiram, tivesse podido alinhar, pelo menos, um aparelho contra três ? O desembarque da Normandia e a campanha espetacular do general Patton teriam sido possíveis, mesmo assim ?

\* \*

Mais que o passado, é o futuro que nos interessa. De que forma tática se revestirá uma guerra travada entre dois exércitos, sensivelmente iguais, do ponto de vista material e moral ? Quais seriam as influências respectivas dos dois elementos fundamentais do combate : o fogo e o movimento ?

Na primeira Guerra Mundial, o fogo paralizou o movimento. Na primeira metade da Segunda Guerra Mundial, o emprêgo combinado dos engenhos blindados e da aviação teve, como consequência, o

rompimento de frentes julgadas invulneráveis. A "Blitzkrieg" repousava nessa combinação de meios. Desde então, novos processos táticos e novas armas têm reduzido, grandemente, a capacidade de manobra dos carros de combate. Das duas armas — carro de combate e avião — é, certamente, este último que influencia, mais profundamente, os atuais processos táticos. Teoricamente, a guerra de movimento pode ser imaginada, mesmo sem carros de combate, mas não sem aviões. Pode-se presumir que a mobilidade na batalha poderá, ainda, ser conseguida, desde que as forças terrestres contem com um apóio aéreo eficaz.

Mas, que sobrevirá se, um dia, a técnica vier a criar uma arma verdadeiramente eficiente contra o avião? As ofensivas de larga envergadura, que penetram a profundidades de várias centenas de milhas, tornar-se-ão impossíveis? Ou isso resultará no aparecimento de novos processos de combate — lutas sobre frentes de grande amplitude — comparáveis às batalhas de desgaste da Primeira Guerra Mundial? Quanto mais o fogo e o movimento se equilibram, tanto menos espaço fica para a manobra.

Como impedir os movimentos nos ares? Os técnicos ainda não resolveram a questão. A veloci-

dade sempre crescente do avião torna, de outro lado, cada vez mais problemática a cooperação entre as forças terrestres e aéreas. Longas colunas em marcha continuam a constituir alvos fáceis para os ataques aéreos; o mesmo não acontece, porém, se os alvos são pequenos e bem disfarçados. Os aviões a jato, quando voando baixo, não vêem nada quase nada e os que voam a altitudes médias têm muita dificuldade na realização de bombardeios de precisão. Em virtude da velocidade crescente, a flexibilidade de manobra se torna, cada vez mais difícil e exige muito maior esforço nervoso do piloto; as possibilidades de ligação com o solo se tornam mais remotas. De outro lado, quando o espaço aéreo está dominado por caças a jato, os aviões de baixa velocidade não podem pretender operar com sucesso.

De qualquer modo, é muito ariscado profetizar. Minha finalidade é, unicamente, apresentar o problema, que merece ser examinado de perto. Entretanto, não disponho, aqui, de espaço suficiente para tal estudo; não disponho, infelizmente, nem do tempo nem dos dados técnicos que seriam indispensáveis. Uma evolução parecida com a que acabamos de sugerir poderia ter a influência mais decisiva sobre a forma das batalhas do porvir.

---

## CARTEIRA HIPOTECÁRIA E IMOBILIÁRIA DO CLUBE MILITAR

Acha-se à venda na Secretaria da Carteira Hipotecária e Imobiliária do Clube Militar, o "Almanaque dos Sócios" dessa C.H.I., atualizado até o mês de junho do corrente ano.

Esse Almanaque poderá ser adquirido diretamente na sede da Carteira, à Avenida Graça Aranha, 81 (2º andar), mediante a importância de Cr\$ 25,00.